

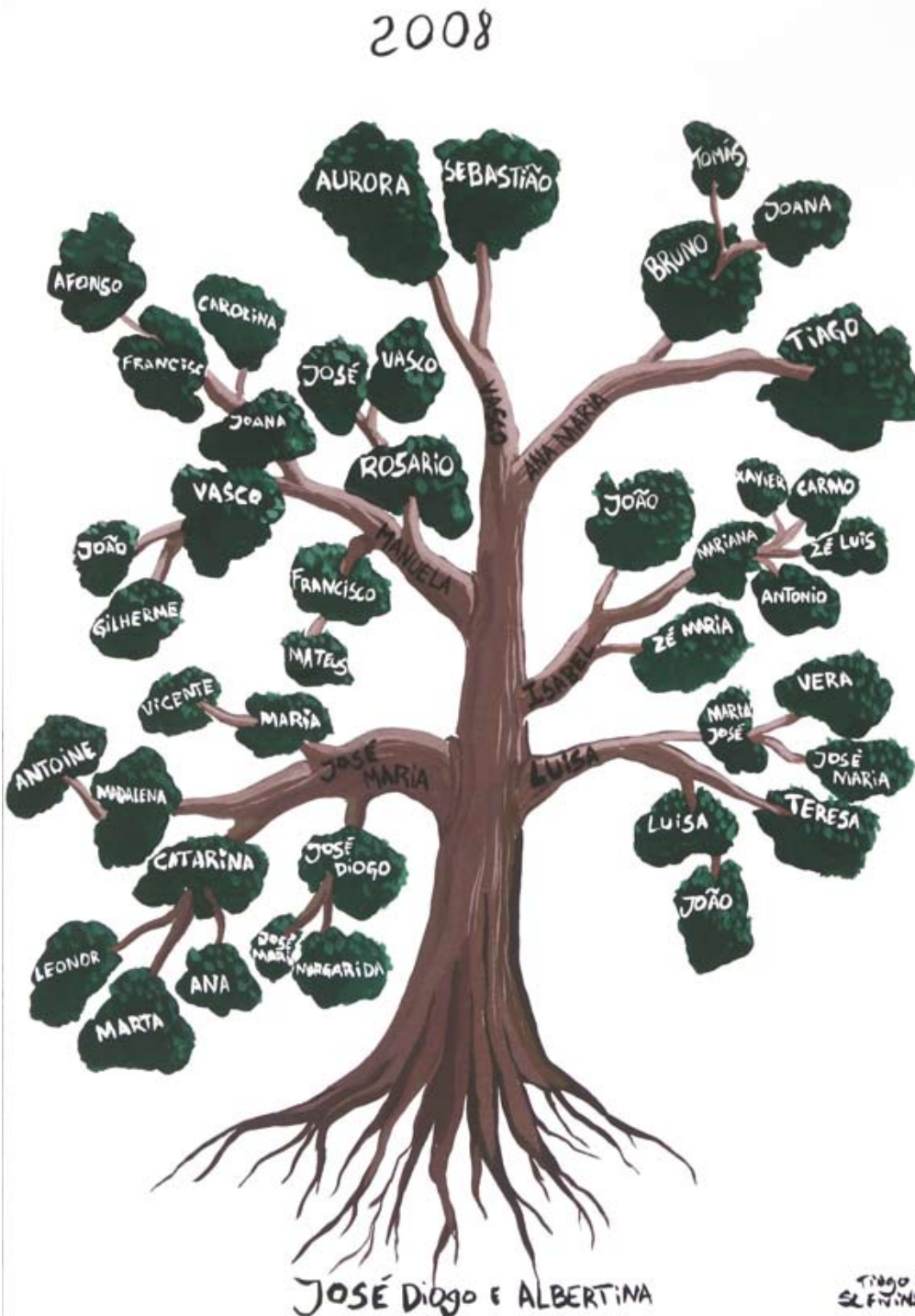


Notas da Redacção:

Mais uma vez recebemos ecos e muito agradáveis sobre a Gazeta!

A Nucha (do Brasil) sempre a primeira a mandar-nos um carinho! A Bedina (da Caparica) igualmente palavras muito amorosas. A Sofia (do Brasil) contentíssima ao ver a mãe (Vera) com uma alegria imensa ao reviver recordações infância, que contagiou tios e primos (segundo sabemos foi um rodopio de mensagens intercontinentais). A Teresa Santiago (de Paris) mas discretamente e para a prima Cecília. A Maria João Câmara (de Lisboa) com palavras carinhosas. O Zé Luiz (de Azeitão) com os seus agradecimentos e comentários atentos e muito simpáticos. O António Capucho (de Cascais) também nos enviou palavras que nos confortaram, assim como o Pedro e a Luísa Mello e Castro.

Na altura do fecho desta Gazeta recebemos Boas Festas e mais palavras de carinho da Rosarinho Belmar, Sofia Menano, Aurora d'Orey, Catarina d'Orey, Inês d'Orey, Lourenço d'Orey, Jorge Santiago, Marta d'Orey, Bernardo d'Orey, José Assunção, Bedina Cabral, primos Mascarenhas Gaivão, Ija e Pedro Mello e Castro e Lélinha!



UM PASSEIO AO JARDIM DO ULTRAMAR

por Vasco Maria d'Orey Moreira

Caros Primos, como sabem tão bem como eu, hoje em dia é um pedacinho difícil reunir mais do que três membros da família sem ser naquelas ocasiões mais ou menos “obrigatórias”, como sejam o Natal, a Páscoa e ainda algum casamento, baptizado ou aniversário, mas mesmo assim é raro conseguir juntar mesmo todos. Três ou quatro é fácil, basta convidar para um chá ou talvez organizar uma Canasta ou Bridge e “voilà!”, conseguir uma “maioria de 2/3”, estilo... para aprovar uma alteração à constituição é mais difícil. Aqui há um tempo, decidi organizar um “bacalháu” em minha casa, a “pretexto” de uma visita a Lisboa do nosso primo Tiago e convidar primos direitos, tios e irmãos. Consegui uma comparência aceitável, se bem que com algumas lacunas. A minha irmã Joana organizou também há um par de anos um almoço de primos direitos e conseguiu penso que “o pleno”!, Estávamos todos os dezoito netos do “Avô Zé Linhas” e mais uns bisnetos (... tinha esquecido de dizer que sou o Vasco Maria d'Orey Moreira, filho da Manecas e portanto neto do José Diogo - “Tio Zé Linhas” - ramo verde). No célebre “pleno” da Joaninha, combinámos que cada um de nós organizaria, digamos que, de seis em seis meses, algum evento social de capital importância, no fundo, um pretexto para juntar a família, um almoço, um jantar, um pequeno almoço... Desde então, tivemos um jantar de Natal de primos muito simpático organizado para casa do primo José Diogo (do tio José Maria) e da Vera mas parece que quem deu o “litro” foi a Aurora!?! A prima Mariana e o marido Luís organizaram um delicioso almoço na sua casa no Monte Estoril a pretexto de outra prima que estava no estrangeiro, a Teresa, e à “guiza de inauguração” ... mas a vida de hoje é um pedacinho “a correr” e o tempo vai passando sem que nos vejamos mais, mas temos pena! Os meses vão passando e, como mantemos o contacto principalmente por email, as “reclamações”,

Nota importante

por Ana Maria Garcez d'Orey Slewinski

Os textos para esta Gazeta começaram a aparecer com o que cada um espontaneamente sentiu querer exprimir. Surgiu também uma reunião de família cujo centro das atenções seria o conhecimento da vida profissional do Pai, muito ligada a África. Aconteceu a 08/11/08 e é muitíssimo bem relatado pelo neto mais velho, que também foi um fotógrafo de primeira. Não “rebetamos pelas costuras” esta Gazeta d' Orey, porque nos “esticamos” para a próxima. Os assuntos mais familiares caíram no sector feminino e ficarão para a próxima Gazeta!

essas, vão aparecendo e a “tensão social” aumenta... Desta vez a culpa foi do primo Bruno Slewinski que não aguentou a pressão social e resolveu “organizar qualquer coisa”. Bem na realidade já nem me lembro como surgiu a ideia porque a idade não perdoa, mas a verdade é que com uma reclamação daqui e um reparo dali, foi aparecendo a ideia de que se teria que organizar alguma coisa. Rapidamente chegamos à conclusão, penso que por sugestão do Bruno, que uma visita ao antigo Jardim do Ultramar, onde o Avô trabalhou quase toda a vida, numa qualquer manhã solarenga, seguida de um almoço em casa de um de nós ou fora, na expectativa de algum repasto delicioso, era o ideal. Assim, não só lembrávamos o Avô mas também a Avó. Os mais pequenos tinham oportunidade de “espairecer”, faríamos um bonito passeio, aprendíamos mais um pouco sobre o Avô e a sua história de vida - o programa perfeito! A partir daqui devo dizer-vos que a responsabilidade vai quase toda para o primo Bruno que organizou a visita e preparou uma apresentação giríssima sobre o Avô a fazer depois do almoço. Os louros da magnífica organização do almoço vão para a minha irmã Joana e seu marido - uns belos duns anfitriões! A minha mãe “Manecas” arranjaria o almoço, “mais calmo” para os Tios.





Fotografia de grupo junto à Estufa principal

No dia 8/11/2008 de manhã, lá começamos a chegar aos poucos e poucos, a Belém, ao actual Jardim Botânico Tropical, antigo Jardim do Ultramar, do qual o avô José Diogo foi Director. Os mais pequenos começaram logo a correr de um lado para o outro e atrás dos patos e cisnes. Estava de facto uma manhã “de encomenda para um grupo tão selecto(!?!). A primeira surpresa foi a presença de uma senhora muito simpática, Dr^a. Maria Cândida Liberato, que trabalhou com o Avô e um outro colaborador de trabalho Eng. Rogério Dias Pereira, para além de estar na portaria um Sr. Ribeiro, duma família que vários elementos trabalharam no Jardim. Este senhor sabia os nomes de todos tios e recordou muitas outras coisas. Amavelmente prestaram-se a acompanhar-nos na visita. Não menos importante foi logo a segunda surpresa: uma árvore “GIGANTE”, uma Araucária, que o próprio Avô plantou no dia em que se reformou (era hábito no Jardim quem partia deixar uma árvore plantada). A visita ao Jardim continuou, com paragem no antigo herbário onde actualmente decorria uma exposição de insectos, o antigo escritório do avô (a direcção) onde mesmo ao pé, houve em tempos leões e jacarés aquando da Exposição do Mundo Português em 1940. Junto à entrada da estufa principal tirámos o primeiro retrato de conjunto. Subimos o jardim até ao Museu (ex Palácio dos Condes da Calheta) passando pelos escritórios, vendo as diversas “casas” alusivas às ex-colónias, de Timor, da Guiné, de Angola. Chegámos ao lindíssimo jardim de buchos (mandado plantar pelo Avô em 1950, ao estilo dos jardins de Queluz), em frente ao Museu que encima todo o parque. Dizem as tias que aprenderam a nadar nos tanques que aí existem. Tiramos uma outra fotografia de conjunto com cada filho, como se fosse uma parte da árvore (neste caso bucho) do avô, rodea-

dos das suas flores (os filhos e netos). Ficou ainda mais bonito o Jardim de Buchos do Avô. Na descida passamos pelo Jardim de Macau, onde as tias e tios brincavam quando visitavam o Jardim em pequenos e, já com a “barriga a dar horas”, rumámos a Oeiras, onde nos esperavam várias saladinhas,



Em casa da Joana e do Pedro

favas com morcela, bacalhau com natas... enfim, um almoço soberbo. Em casa da Mãe “Manecas” estava tudo impecável, como de costume. AH! Importantíssimo! Depois de toda esta boa organização dos almoços de que já falei, “saltou” o tio Vasco (parece que nas vésperas do evento) com uma oferta esplendorosa! Uma caldeirada para cada casa, feita por ele e com peixe pescado por ele! Foi apreciadíssima! Depois do almoço, todos juntos em casa da Joana e do Pedro, assistimos à apresentação do Bruno (passagem de imagens na televisão, etc.). Reafirmo que foi um programa muito bem organizado e um dia muito bem passado!

“
Estava
de facto
uma manhã de
encomenda
para um grupo
tão selecto.”

AS MINHAS PESQUISAS SOBRE O MEU AVÔ ZÉ

por Bruno d'Orey Slewinski

José Diogo Sampayo de Albuquerque d'Orey, filho de Guilherme de Albuquerque d'Orey e Luiza Teixeira de Sampayo d'Orey, nasceu a 28 de Janeiro de 1910 na Quinta do Barracão, em Santo Amaro de Oeiras. Era o mais novo de 9 irmãos.



Conta-se que na escola não seria muito aplicado nas aulas, e as suas notas reflectiam essa aplicação. Certo dia a escola enviou informação das notas para seu Pai, que o chamou perguntando-lhe o que aquilo significava. José Diogo terá prometido ao Pai resolveria a situação, e assim foi. A partir dessa altura sempre que vinham as notas mostrava-as ao filho, e isto metia-lhe tanta impressão que o esforço era maior ainda para ter melhores notas. As notas melhoraram mas terminou o curso dos liceus em 1929 com a classificação de 10 valores. Em 1931 matriculou-se no Instituto Superior de Agronomia, no curso de Engenheiro Agrónomo, tendo feito todos os exames relativos ao curso nos anos seguintes até 1936. Em 1939 defendeu o relatório final de curso com o título de "Subsídio para o estudo botânico dos arroz cultivados: Classificação botânica dos arroz da Guiné, Angola, Moçambique e Timor, existentes no Museu Agrícola Colonial", em que obteve a classificação de 17 valores, sendo de 13 valores a classificação geral do curso. No tirocínio colonial obteve a classificação de 19 valores. Se seu Pai estivesse ainda vivo nesta altura estaria com certeza muito orgulhoso com a evolução académica do seu filho mais novo.

Em 25 de Março de 1937 foi contratado para o lugar de Botânico Chefe de Culturas do Jardim Colonial (designação da altura do actual Jardim Botânico Tropical), iniciando a sua longa carreira de quase 40 anos neste jardim. Em 1939 viaja para Tripoli, na Líbia, para assistir ao Congresso Internacional de Agricultura Tropical. No congresso apresentou um trabalho sobre classificação de arroz conservados no Herbario do Jardim Tropical, intitulado "Subsídios para o estudo do género *Oryza*" e em que pela primeira vez se cita a existência na província da Guiné de *Oryza Glaberrina Steud* e *Oryza Barthii A. Chev.* Foi louvado, por escrito, pelo Director do Jardim, pela sua actuação na II Exposição Nacional de Floricultura em Junho de 1941. Em 1942 foi nomeado adjunto da Missão Botânica de

Moçambique, cargo que desempenhou até Agosto de 1945. Deslocou-se por 2 vezes à província de Moçambique, na qual permaneceu cerca de um ano no total, a fim de fazer herborização e estudos de botânica, tendo percorrido praticamente toda a província, perfazendo 25.000 de percurso total. Depois da primeira estadia



em Moçambique colaborou no Congresso de Ciências Agrárias em 1943 onde apresentou quatro comunicações. Como substituto legal do Director do Jardim Colonial e Museu Agrícola do Ultramar, substituiu o mesmo desde 17 de Agosto de 1947 a 2 de Março de 1948, data em que foi nomeado Director Interino. Em Março de 1948 passou a reger a cadeira de Agricultura Tropical e Zootecnia na Escola Superior Colonial, como professor ordinário, por inerência do cargo de Director do Jardim e Museu Agrícola do Ultramar. Mas a carreira de docente começou um pouco antes, quando foi contratado pelo Instituto Superior de Agronomia em 22 de Março de 1947, como 2º Assistente, além do quadro, da cadeira de Culturas Coloniais. Em 1949 passou a reger as aulas teóricas da mesma cadeira. Foi promovido a Engenheiro Agrónomo de 1ª classe do quadro comum do Império e nomeado Director do Jardim e Museu Agrícola do Ultramar a 28 de Outubro de 1950. Colaborou ainda com alguns artigos em vários jornais e revistas, tendo publicado no "Agros" o artigo "Fruticultura Tropical". No Congresso Comemorativo do V Centenário do Descobrimento da Guiné, apresentou a comunicação "Horizontes para a Agricultura da Guiné". Por despacho do Ministro do Ultramar, foi também louvado pelo zelo e dedicação demonstrados na perfeita organização da I Exposição de Plantas e Produtos Agrícolas do Ultramar, realizada no Jardim do Ultramar em Outubro de 1951. Entre 1953 e 1954 chefiou a Brigada dos Estudos Florestais da Guiné, tendo ido para a Guiné nas férias do Natal e regressado depois para dar aulas. Esta missão colheu 16 espécies das principais madeiras da Guiné para a realização das 16 fichas florestais da Guiné Portuguesa, todas publicadas como "Essências Florestais da Guiné Portuguesa". Em 1956, organizou-se, pelo Jardim e Museu Agrícola do



José Diogo (2º a contar da esquerda) numa missão africana, possivelmente na Guiné Ultramar, uma Missão Florestal em 5 campanhas, tendo-se colhido material de 48 espécies para serem estudadas. Foram publicados estudos de apenas algumas espécies. Entre 1957 e 1958, pelo Instituto Superior de Estudos Ultramarinos, chefiou a “Missão de Estudos da Atracção das Grandes Cidades e do Bem Estar Rural no Ultramar Português”, com o objectivo de estudar questões como migrações, culturas e sociedades indígenas, ensino, saúde, habitação, agricultura, entre outras, questões que na época tinham sido pouca ou nada estudadas. Esta missão implicou viajar por Angola, Moçambique e S. Tomé e Príncipe, com maior incidência em Angola, além de uma visita ao Congo Belga (e Ruanda-Urundi) para recolher informações sobre agricultura e indústria, onde esteve entre 31 de Agosto e 13 de Setembro de 1958. Ainda em 1958 apresentou no dia 21 de Fevereiro a conferência intitulada «O Problema das Terras», integrada nos Colóquios sobre Política Interna Internacionalmente Relevante, no Centro de Estudos Políticos e Sociais, em Lisboa. Publicou ainda um estudo, no Boletim Cultural de Angola, em 1960, estudo que ainda não conseguiu referenciar. Ainda em 1960 chefiou a 4ª campanha da Missão de Estudos Florestais de Angola, na floresta de Maiombe, no distrito de Cabinda. Esta missão teve 4 campanhas, em 1957, 1958, 1959 e 1960, todas elas organizadas pelo J.M.A.U. Em 1964 fez um estudo sobre o mercado e das áreas produtoras de bananas, e com essa finalidade esteve nas Antilhas (Martinica e Guadalupe), Equador, Jamaica e Canárias, por ordem da Comissão para os inquéritos

agrícolas no Ultramar, do Ministério do Ultramar. Em Maio de 1966, foi convidado pelo director da Missão de Estudo do Rendimento Nacional do Ultramar, para elaborar um extenso trabalho denominado “Contributos para a estimativa do valor da produção agrícola e pecuária do Ultramar”. Em 1970 deslocou-se a Munique, na Alemanha, para uma reunião da A.E.T.F.A.T, onde deu conta dos progressos relativos ao estudo da flora da Guiné Portuguesa. O relatório que apresentou foi publicado numa revista alemã. Após a revolução do 25 de Abril, em 1975 requer a aposentação, que lhe é concedida, terminando a sua carreira com 38 anos, 3 meses e 12 dias de serviço. Já reformado, dedicou parte do seu tempo a estudos sobre energias renováveis e bio-combustíveis, trabalhando por conta própria ou colaborando com algumas entidades, uma delas foi a Orey Antunes. Publicou ao longo da sua carreira e até depois da reforma diversos estudos e trabalhos, como o Mapa de Angola, publicado no “World Atlas of Agriculture”, de Agostini - Novare, e a colaboração como especialista com a Enciclopédia Verbo, onde todas as entradas de botânica são de sua autoria. Publicou: «Flora de Angola: Ranunculáceas» 1960; «Culturas Hidropónicas» 1963, com Rosalina de Carvalho Rosado; «Política Agrícola» 1964; «Contributos para a estimativa do valor da produção agrícola e pecuária do Ultramar» 1966; «Virtudes de algumas plantas da ilha de Timor» em 1969, um livro com ilustrações fantásticas de Frei Alberto de São Tomé, com a co-autoria de Frei Francisco Leite de Faria; «Contribuição para a determinação das espécies desenhadas» 1969; «Flora da Guiné Portuguesa», editado em 1970 e 1971, em co-autoria com Maria Cândida Liberato; «Aditamento à Flora da Guiné Portuguesa», com a mesma co-autora; «Flora da Guiné Portuguesa: Papilionaceae - 1º Apêndice de Fenologia: apontamento», idem; Flora da Guiné Portuguesa: Butomaceae», 1972; «Marantaceae, colhida por John Gossweiler em Angola existentes em LISJC» 1982.

AVENTURAS DO ZÉ LINHAS, MEU PAI, EM TERRAS d'ÁFRICA

por José Maria Garcez d'Orey

A alcunha Zé Linhas foi posta ao meu pai pelos filhos da tia Manuela, que o apreciavam muito por ele alinhar com os sobrinhos e ser um grande compincha. Era também extremamente compreensivo com os filhos e era a minha Mãe, que lhes chegava a roupa ao pêlo, quando era preciso. Em casa, uma das suas ocupações preferidas, era dedicar-se à sua colecção de selos e eu ajudava-o, e muito aprendi sobre geografia com os selos, manejando com o Pai os catálogos de filatelia. Os tempos passaram e eu era razoável estudante, quando meu Pai foi seleccionado para ir para Moçambique. A missão era a fazer o estudo e o levantamento da carta das espécies botânicas. Quando chegou a Moçambique, o Pai teve um tempo de férias, para se adaptar e preparar para a missão de investigação sob as ordens do Dr. Mendonça. Havia muitos ingleses em Lourenço Marques nessa altura. Conheceu então um português que o viria a acompanhar, numa viagem de barco pelo Oliphant River a Sul de Moçambique para irem visitar um Kraal em ruínas. O português gabava-se de saber muito bem inglês e para o demonstrar quando avistaram um barco com ingleses que vinha em sentido contrário, o português ufano levantou-se e gritou para o barco *“have you manteiga to put in pon?”* Perante o espanto geral dos ingleses que ficaram mudos pois nada entenderam, prosseguiram na viagem... O Pai ria-se muito sempre que contava esta piada... Outra vez, no centro de Moçambique, o Pai viajava com um preto a quem por graça chamava Inhacozo. Até que um dia, o preto lhe disse *“Patrão não chama a mim Inhacozo”* pois que no dialecto Ronga queria dizer *“burro do mato”*. Então o Pai, compreendendo que a dignidade do seu ajudante tinha sido ofendida, por respeito, nunca mais o voltou a chamar-lhe *“Inhacozo”*! Que eu me lembre quanto a aventuras de caça, o meu Pai apenas matou uma hiena que andava a empecilhar e apanhou muita macacaria em terra dos Macondes lá para o Norte de Moçambique. Depois começou de novo a investigação botânica que se estenderia de Cabinda a Norte até ao rio Cunene a Sul. Foi então conheceu um administrador que o convidou para ir a Gabela e, depois dos convites formais para a estadia e jantar, ele ouviu o som dum bicharoco, assanhado, zangadíssimo, a rosnar e a mordiscar. Mal sabia o meu Pai que este senhor tinha um leopardo bebé *“meio”* domesticado. Chamava-se Gabela. *“Traz a Gabela”* disse ele, e lá veio o preto que o trazia, seguro pela coleira para não fugir, mas a Gabela mordida as cadeiras, arranhava as paredes e tudo o que podia para afiar a dentuça!



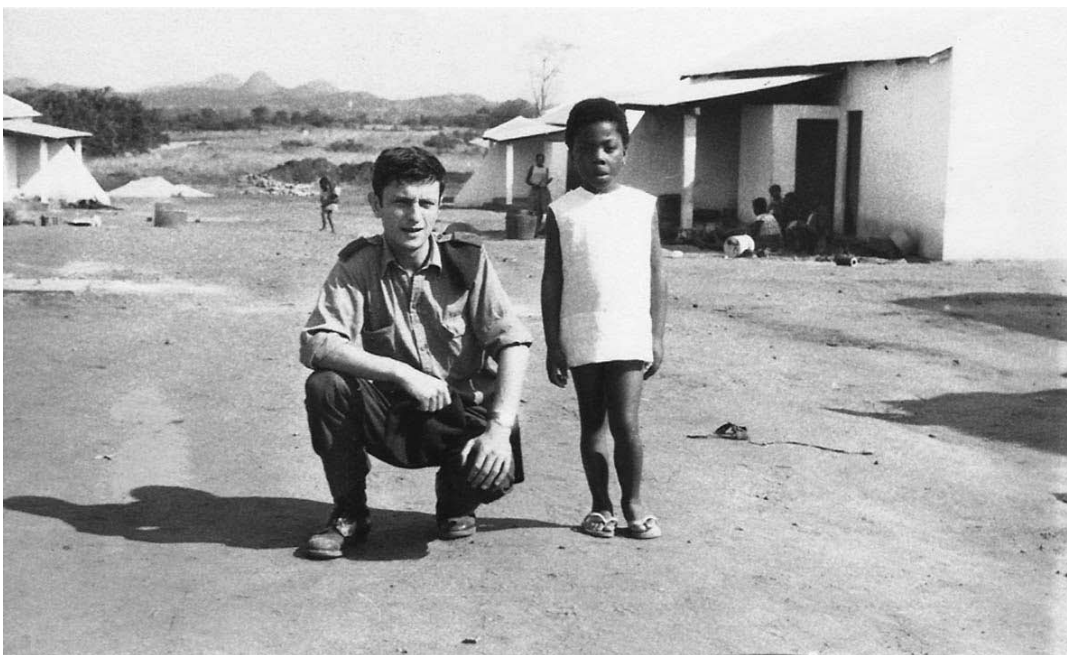
O Zé Maria e a Luísa à frente da Araucária plantada por seu Pai
PS: Tive vontade de contar como eu me divertia a in-subordinar os meus irmão mais novos, Nico e Vasco, mas...a *“censura”* rapou do lápis azul e cortou! Talvez por se lembrarem dos ralhetes que eu levava da Mãe e... imagine-se, às vezes o Pai também achava demais! Mas era tão divertido! *“Eles”* faziam asneiras tão bem!(?!?)

“Have you manteiga to put in pon?”

UM PAI PATRIOTA E AFRICANO

por Vasco Maria Garcez d'Orey

Um patriota e um educador! Não há muito tempo, estava de conversa com o meu irmão José que me recordou que o Pai em 1955, quando da tomada de Dabrá e Nagar Aveli (enclaves das Índias Portuguesas) pelo “Bandita” Nerhu, queria alistarse no exército como voluntário com o propósito de ajudar a recuperar aqueles territórios. A Mãe comentava, “*que loucura, com seis filhos pequenos quer-se meter numa*



Vasco em Angola, durante a Guerra Colonial

aventura destas!” (o Zé Maria, o mais velho de nós, tinha dezassete anos). Como educador deixava sempre a sua Albertina (alcunhada por mim de General) tomar conta das tropas, mas quando era necessário, se o motivo fosse muito sério ou importante, o J.D.S.D. avançava e era sempre muito eficaz nos seus conselhos, repreensões ou palestras.

Numa mistura de patriota e de conselheiro faço um relato cronológico de uma aventura da minha vida passada com ele: Quando a 17/4/1971 embarquei para Angola, o José Diogo d'Orey acompanhado da minha Mãe e da Joana (neta mais velha), no último momento antes de eu subir para o Vera Cruz, disse-me em sussurro “*Vasco se algum dia vir cenas de horror, como mortos esventrados ou aparentemente torturados, fique a saber que os indígenas só o fazem, quando já são cadáveres, pois é para testemunhar perante o Juízo Final como morreram, por isso são por vezes tão marcados*”. A 14/3/73 no dia que chegaram os maçaricos (tropa para a nossa substituição) houve uma emboscada, e os horrores estavam lá. Nesse dia serviu-me muito o conselho do José Diogo para me dar força e também para explicar a muitos daqueles que estavam mais desesperados o que era um acto de guerra e uma superstição negra, crença Quibunda, ou feitiços de pretos. Quando a 31/03/73 cheguei a casa de surpresa, logo a minha Mãe me perguntou de imediato, “*então Vasco chegaram todos com grande alegria?*” Respondi que não, vínhamos de luto, pois há poucos dias, a 14/3/73 etc., etc. O meu pai colocou os olhos no chão, lembrando-se não só da última correspondência que teve

comigo (perguntando-me pelos actos de guerra que estavam a ocorrer na região) mas também porque o lembrei daquele conselho que me deu quando embarquei. Logo de seguida a minha Mãe começou a telefonar para os mais próximos “*o Vasco chegou!*”. O primeiro a aparecer foi o Jorge Soares de Oliveira (cunhado, casado com a Luísa) e o ambiente rapidamente se desanuviou, voltando de novo a alegria e bem estar. No ano de 1975 ou 1976 quando de uma visita de rotina aos meus pais em Algés, encontrei o Zé a ler um jornal diário, e ao ver-me disse “*Vasco olhe esta noticia de Angola*” e ao começar a ler, na segunda ou terceira frase, começou a chorar (era a grande debandada, a retirada, a rendição dos portugueses daquele território). A minha Mãe ao aperceber-se do que se passava disse-me: “*Vasco, convence o teu Pai a não ler essas coisa pois só lhe fazem mal*”, desviei a conversa e comecei a falar de outra coisa qualquer. A sua grande paixão para além dos seus Pais, Albertina, filhos, sobrinhos e amigos, era a sua Pátria Ultramarina (colonial). Recordo as suas histórias africanas fantásticas e mirabolantes contadas aos seus filhos, onde, a determinada altura, havia sempre uma das minhas irmãs que dizia, “*o Pai já está a meter muita água*” pois o exagero do conto o fazia entrar nas nuvens (os elefantes até já quase voavam). Lembro-me de dois episódios que o Pai gostava de contar pois têm um sabor especial: 1º - “*em 1942 no norte de Moçambique a missão tinha uns carregadores Macondes, homens muito altos fortes que tinham os dentes da frente afiados e um dia virei-*

O TIO ZÉ LINHAS

por Carlos Alberto Lopes de Albuquerque d'Orey

me para um deles e perguntei, oh rapaz carne homem branco é boa? Não patrão, não é boa, é muito doce.”

2º - “em Angola, 1957, no mato os indígenas que nos acompanhavam fizeram uma ratoeira para apanhar qualquer peça de caça, caiu lá um macaco e pregaram-lhe uma tarefa monumental, entrevi conseguindo a libertação do bicho e ao repreende-los perguntei, por quê tanta pancada no macaco, e a resposta deles foi, patrão macaco não fala porque não quer trabalhar, é malandro.”

Uma outra conversa com toque de “picanço”:

- Vasco, sabe que sou uma pessoa importante?

- Ai sim Pai, e porquê?

- Porque o Jardim e Museu Agrícola do Ultramar é a mais pequena província ultramarina e eu despacho directamente com o Cunha (Silva e Cunha, então Ministro do Ultramar e seu amigo).

- Mas Pai, o Cunha está tantas vezes consigo!

- Não é isso, é que eu despacho ao lado dos governadores de Angola, Moçambique, Guiné, etc!

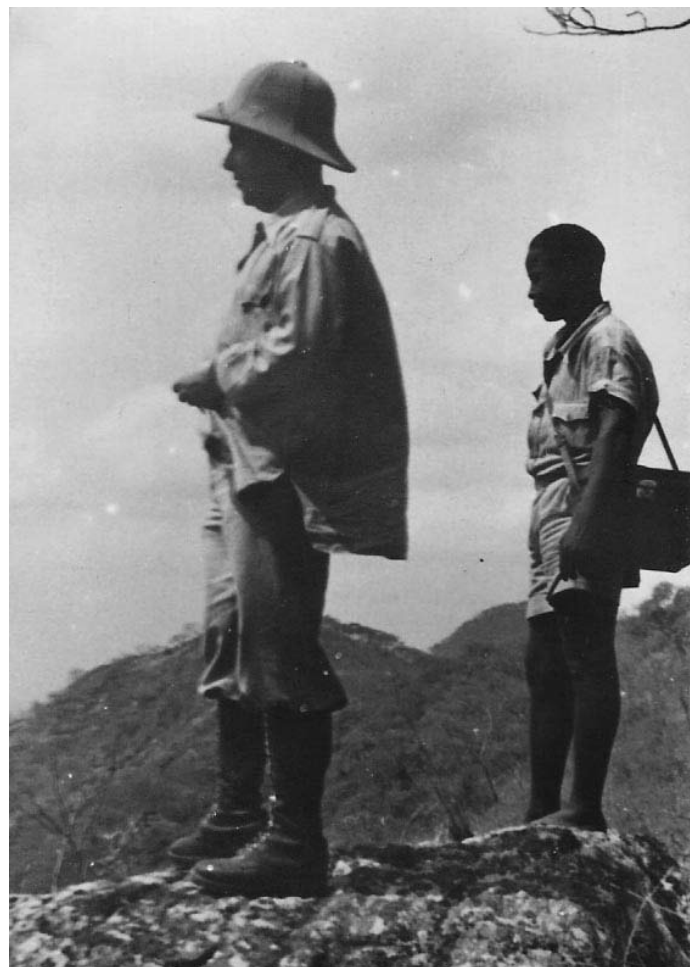
- Ah! Então os governadores é que são importantes! - Não é bem isso.

- Então quer dizer que o Pai é um governador duma província ultramarina e vai todos os dias de carro eléctrico para o Ultramar onde faz prática dos seus grandes feitos africanos.

O Zé a rir murmurou:

- Não se pode falar com este tipo a sério!

Outra historia que ouvi varias vezes: “Quando cheguei de Moçambique o Manouco (sua filha Manuela) tinha começado a andar e a falar. Ao entrar em casa o Manouco empurrava-me para a rua e dizia: - Mãe, não quero este homem cá em casa”, que gracinha a da Manelinha! Também tinha um carinho, apreço e orgulho pelos seus inúmeros amigos e familiares que viviam no Ultramar ou por lá passaram, O orgulho que tinha no seu chapéu africano (muito colonial) que o Carlos Lopes de Albuquerque d'Orey lhe pediu emprestado numa ida a África em 1987 (Zaire) em trabalho “mais um d'Orey em África e com o meu chapéu”. Tenho a impressão ou estou mesmo quase certo, que a última vez que me falou da sua Pátria Ultramarina foi na festa de despedida do Jardim do Ultramar, tendo-me mostrado as fotografias onde de enxada na mão plantava uma árvore (prática de despedida daquela instituição), rodeado de todos os seus colaboradores.



José Diogo em traje colonial, algures em África

Na Quinta das Encostas havia um enorme pinheiro junto à patinagem. Era uma árvore gigantesca, ali nascida muito antes de o Avô Vasco comprar a Quinta, uma vez que a sua idade seria já de umas centenas de anos. Eu desde pequeno que me comecei a interessar por árvores e aquela fascinava-me pelo seu tamanho e beleza. Queria saber mais sobre ela. Não era um pinheiro manso, mas também não era um pinheiro bravo, as duas espécies que existiam por todo o país e que toda a gente conhece. Aquele não pertencia a nenhuma das duas espécies, as pinhas, as agulhas, a casca eram diferentes de qualquer dos outros dois, mas ninguém sabia ao certo de que espécie se tratava. Eu teria na altura uns dez ou doze anos e não tinha obviamente conhecimentos suficientes nem sabia onde os ir procurar. Um dia o Tio Zé Linhas foi visitar os Avós à quinta das Encostas, e eu sabia que ele era a pessoa indicada para me desenrascar deste impasse. Fiz-lhe a pergunta. — “Ó filho isto é um pinheiro de Monterey, um *Pinus Radiata*, e é originário da Califórnia, respondeu-me ele prontamente.” Eu já conhecia bem o Tio Zé Linhas. No Natal e na Páscoa ia com o meu Pai visitar todos os tios irmãos

do Avô Vasco e da Avó Manuela, o tio Waldemar e o tio Nuno, a tia Blu, a tia Lija, o tio Chico, a Ti'Ana e o tio Zé Linhas. Eram dois ou três dias para percorrer as casas de todos, e eu gostava particularmente de ir a Algés a casa do Tio Zé e da tia Albertina. Quando lá encontrava o Vasco demorava-me sempre com ele a mostrar-me as invenções e engenhocas, que as tinha sempre novas. Até um barco ele construiu no quintal. Mas também me dava imenso prazer ouvir o tio Zé a contar histórias passadas em África e a falar de agricultura e árvores, coisas pelas quais eu logo desde pequeno me comecei a interessar e para que depois estudei. Assim nasceu uma amizade muito especial pelo Tio Zé linhas e mais tarde visitei-o muitas vezes no Jardim do Ultramar onde ele foi director. Lá o procurei e consultei sobre dúvidas que se me puseram na minha vida de estudos e profissional. Quando casei com a Carmo fiquei agradavelmente surpreendido quando o seu Pai, que era médico em Moçambique, me perguntou o que é que eu era ao Eng. José Diogo d'Orey, que ele conhecia bem. Também um dos tios da Carmo, que tinha seguido a carreira colonial e estava na altura ainda em Moçambique o conhecia. Foi mais uma coisa a aproximar-nos. Foi com muita ternura que, depois da sua morte, a Nico me ofereceu alguns livros do seu Pai e que ela sabia que me interessavam, e que me foram muito úteis. Ainda ele era vivo, mas já muito doente passou-se comigo um episódio que demonstra bem o que ele foi profissionalmente e como parceiro de trabalho. Quando eu estava na SPE (Sociedade Portuguesa de Empreendimentos) foi-me dada a missão de fazer várias prospecções florestais em concessões em Moçambique, Zaire e Guiné. Tinha como consultor o Eng. José Santareno, um homem bastante mais velho do que eu mas com muita experiência de África na área florestal e que me acompanhou nas minhas primeiras viagens a estes países. Também ele, logo no início da nossa relação profissional, me perguntou o que é que eu era ao Eng. José Diogo d'Orey. É que ele tinha trabalhado com o tio Zé em África, nomeadamente no levantamento florestal da Guiné e que deu origem à obra "Essências Florestais da Guiné Portuguesa" cujos volumes foram precisamente dos que a Nico me ofereceu. Este Eng. José Santareno saiu depois da SPE devido a um procedimento pouco simpático da parte da administração da empresa, e ele ficou com isso naturalmente magoado. Mais tarde, já eu vivia na Guiné e trabalhava como Director Geral da Guimadeiras, encontrei lá o Eng.

Santareno que lá estava numa missão para governo da Guiné. Disse-lhe que estava a pensar num projecto florestal e que precisava da sua ajuda com alguns conselhos. Ele olhou para mim e perguntou: — "Quem me está a pedir isso é o Eng. d'Orey da SPE ou é o Carlos sobrinho do Eng. José Diogo d'Orey?". Eu respondi que devido ao que lhe tinham feito na SPE, naturalmente eu não teria coragem de pedir qualquer coisa como tal. Era portanto o Carlos sobrinho do Eng. José Diogo d'Orey que ali estava naquele momento. — "Então pergunte lá o que precisa que eu estou à sua inteira disposição", respondeu ele imediatamente. Foi a última coisa que eu tive que agradecer ao Tio Zé

“

...e eu gostava particularmente de ir a Algés a casa do Tio Zé e da tia Albertina.”



O Jardim hoje, designado Jardim Botânico Tropical

AS HIDROPÓNICAS DO TIO ZÉ LINHAS

por Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo

Um dia, de manhã, chegámos ao nosso feudo de Sassoeiros, a “Quinta”. Entrámos, falámos aos avós e logo de seguida “Oh Mãe posso?..” e já íamos a caminho da cocheira, leia-se canavial, para aparelhar os cavalos e iniciar a nossa patrulha territorial. Espanto dos espantos. Toda a Quinta, ténis, patinagem, “frente da casa”, rua das oliveiras, etc. estava bordejada por saquinhos de plástico com umas arvoezinhas dentro. Passámos a figueira grande, atravessámos a ponte sobre o ribeiro, ultrapassámos a casa do moinho e aí os nossos olhos não acreditaram. O “nosso tanque” estava literalmente coberto de plantas, plantas sim, que dentro de uns caixotes, cobriam toda a superfície. Deixámos as canas, diga-se, montadas, subimos e verificámos. Não havia dúvida. Quem teria sido o malfeitor, abusador e usurpador? Afinal quem manda aqui? Foi a pergunta que se nos pôs. Nem é tarde, nem é cedo, pegamos nos corcéis e fomos direitos, a todo o galope, ao Santo dos Santos. Onde está a Avó? Onde está a Mãe? Aquela tão grande confusão geracional que existia na Quinta proporcionava estas coisas. Oh Mãe, Oh Avó sabe que.... Sim, fui eu que deixei, foi o tio Zé. O tio Zé? (nunca o tio Zé faria uma coisa daquelas, né!). Sim, o tio Zé Linhas. Conversa acabada. Como é que aquele tio, bem era tio-avô e os primos eram mais primos dos tios que nossos primos, mas também eram nossos primos e eram óptimos, enfim! Bem mas como é que aquele tio sem igual, tão bom e divertido nos tinha feito uma coisa daquelas? Passadas horas chegou o tio Zé. Assalto imediato, nem à tia Albertina falámos, o que levou ao instantâneo “Então meninos...” dois beijos apressados (cara e mão), era assim, e não fazia mal algum, e é posta a questão. Pacientemente, com ternura e graça o tio Zé, até aí o “usurpador”, explicou a tal coisa das plantas hidropónicas e dos pistáchios. Aprendemos mais um bocado. Rimos outro tanto e, sossegados porque no Verão as coisas estariam arrumadas, levámos um beijo e uma festa e lá fomos contentes e reconciliados com este nosso tio cientista que nos queria muito e de quem nós tanto gostávamos.

QUE TODOS CONHEÇAM O VASCO...

por Ana Maria Garcez d'Orey Slewinski (Nico)

Em Agosto último, a nossa prima Isabel d'Orey Marchand Abecassis (rosa) admirou-se de eu falar “num” irmão Vasco!

- Mas há um Vasco? Pensava que eram quatro raparigas e o Zé Maria!

Não é a primeira vez que isto me acontece! Evidentemente que há muitíssimos primos que tão bem conhecem o Vasco, mas por razões que desconheço, tenho ouvido muitas vezes – mas... e o Vasco? Como é que ele é? Nunca o vimos ou nunca o vemos!



Aqui o têm, numa bela imagem de 2008 no Douro com a sua mulher amorosa – a Luisa. Têm dois filhos, o Sebastião e a Aurora e para mais informações: [vascodorey@hotmail.com!](mailto:vascodorey@hotmail.com)



José Diogo d'Orey junto a umas “jangadas” de culturas hidropónicas num tanque em Cabo Verde, a 23 de Abril de 1972.

A ERA UMA VEZ O FREI TOMÁS E O PAI

por Ana Maria Garcez d'Orey Slewinski (Nico)

Não se trata do Frei Tomás que é melhor fazer o que ele diz, e não o que ele faz mas do que viveu há cerca de 250 anos (ca.1750) e era missionário (Dominicano) em Timor - Frei Alberto de São Tomás. Para além da sua obra espiritual que acreditamos que fosse “religiosamente” cumprida, tinha um gosto especial por plantas! Na altura, não havia anti-bióticos, comprimidos, etc! Ia-se directamente à natureza buscar os produtos para fazer os tratamentos. A lista das receitas concebida por sucessivas gerações timorenses, obtidos das plantas é longa, assim como os males para que se destinam, como por exemplo: inchações, pisaduras, chagas, membros gretados, fracturas, dores de corpo e de cabeça, etc. etc. O Frei registou o aspecto de algumas plantas, tendo conseguido um belo pequeno herbário com magníficas estampas aguareladas, em papel de arroz, que de tão bem executadas até substituem as plantas naturais para observação. É notável as qualidades de artista, de etnógrafo e de naturista amador. Acrescentou a esse trabalho o nome de cada das plantas em letra do século XVIII numa língua autóctone de Timor (não se sabendo qual é), seguido do nome em português e explicações mais ou menos longas, mais ou menos certas. Essa colecção de estampas encontram-se no Arquivo Histórico Ultramarino (não sei como se chama agora). Em 1969 para comemorar o bi-centenário da passagem da capital Lifao para Dili o Arquivo publicou um livro com o título “Virtudes de algumas plantas da Ilha de Timor”, onde, para além de serem mostradas 32 das referidas belíssimas estampas e os manuscritos do Frei, tem Prefácio do Director do Arquivo, Eng. Alberto Iria, o Estudo sobre o Frei Alberto de São Tomás pelo Frei Francisco Leite Faria (Franciscano) e a Contribuição para a Determinação das Espécies Desenhadas, do Engenheiro José d'Orey! O avô Zé era Director do Jardim e Museu Agrícola do Ultramar, tendo sido honrosamente convidado a colaborar nesta obra para a classificação possível das plantas desenhadas e descritas, já que a grande maioria da sua experiência e fontes de informação, eram mais do Ultramar Português Africano. Para a planta da imagem acima o Pai escreveu: *ALLE* - Parreira Brava. Fol.61 - Estampa 62. Não há dúvida que se trata de uma *Ampelidaceae*. O autor desconhecido já citado escreveu “*Vitis indica* Linn.”. Deve porém tratar-se do *Ampelocissus arachnoidea* (Hassk.) *Planch.* *Rumphius* (botânico alemão) denominou-o “*Labrusca molluca*”. Dá-se um caso curioso na parte descritiva. Fala Frei Alberto das duas parreiras bravas, a macho e a fêmea, atribuindo à primeira também o nome

de “*Abutua*”. Ora *Abutua*, um dos nomes de uma das “Parreira brava” ou também “Parreira brava” de África citada por Ficalho e outros, é uma *Menispermaceae*. Mas havendo nas ilhas de Sonda dois *Ampelocissus* muito semelhantes, o que se citou e o *A. Martini* *Planch.*, referir-se-á Frei Alberto à *Abutua* verdadeira ou a outro *Ampelocissus*?



P.S. - Com estudo exaustivo do Frei Francisco Leite Faria (franciscano) das obras missionárias da época e naquela região, não se fica com a certeza se o Frei Alberto de São Tomás encontrado é o autor deste pequeno herbário. Dúvidas de registos de datas e de diferenças de letras. O que não há dúvida é que o conjunto tinha a capear um manuscrito que diz “Virtudes de Algumas Plantas, Folhas, Frutos, Cascas e Raízes de diferentes Árvores e Arbustos da Ilha de Timor escritas por Fr. Alberto de Sto. Tomaz da Ordem dos Pregadores, Missionários e depois Comissário da Missão das Ilhas de Timor, Sollar, e Circunvesinhas”. Julga este estudioso que provavelmente o ex-Governador Vieira Godinho, então em Macau, poderá ter copiado a obra do Frei, fazendo-lhe algumas juntas e mandado um chinês pintar os desenhos do Frei Tomás.

- Em 1950 o Eng. Ruy Cinatti com toda da sua reconhecida autoridade no domínio da Botânica e em especial na flora de Timor escrevia “o documento intitulado “Virtudes de Algumas...Timor “ foi adquirido há cerca de 18 anos pelo Dr. Manuel Múrias num alfarrabista de Lisboa e encontra-se hoje, como relíquia preciosa no Arquivo Histórico Colonial.

- Verifica-se então que esta “relíquia preciosa” andou de Timor para Macáu, de Macáu para Lisboa, de Lisboa para Moçambique e finalmente de Moçambique para Lisboa (Arquivo Histórico Ultramarino).

UMA IMAGEM DO PAI COM 13 ANOS

por Ana Maria Garcez d'Orey Slewinski (Nico)



Na fotografia o Pai está à esquerda (cerca de 13 anos). Atrás está a tia Maria Luisa, a Mãe dele (Luisa Teixeira de Sampayo), as irmãs Blu, Ana e Manuela, com o Guilherme ao colo. Do lado direito as primas Maria Luisa e Pázinha, no meio os filhos do tio Zé Diogo (primos Luísa e Zé Diogo) e na 1ª filha a sobrinha Isabel (a olhar para trás) e a priminha Tareca (filha do tio Nuno).

Cerca de 20 anos mais tarde, ou seja em Agosto de 1944, o Pai deveria estar em África, a sobrinha Isabel, escrevia ao tio Zé, a contar as primeiras impressões do encontro com seu futuro marido. Ao mesmo tempo é referido o encontro com a futura mulher do Guilherme (o bebé que está na fotografia ao colo):

«Querido tio Zeca, não quero que quando cá chegar este ano diga que a família o esqueceu. Pelo menos esta sobrinha nunca o esquece e lembra-se tantas vezes de si e dos seus pequeninos. Gostava de os ter visto antes de lhe escrever mas como me tem sido impossível não quero por isso deixar de lhe dar algumas notícias.

O Pai e a Mãe, a Lélinha, o Gonça, o Zé e eu fomos passar uns 20 dias às Pedras. Não calculas como tudo foi bom. Encontramos lá um grupo divertidíssimo composto pelos Palhas, António e tia Helena e por uns alentejanos simpatiquíssimos. Mais tarde apareceu um rapaz médico também alentejano e baixito. Não calculas quantas vezes ao olhar para ele me lembrei de ti. Não que de cara o fosse parecido mas era-o de figura e tinha piadas à tio Zé Linhas. Só o que te digo é que à 2 da manhã o meu Pai dançava

o corridinho e o fandango com uma rapariga alenteja, um amor, no hall do Hotel. O acompanhamento eram palmas. Por esta amostra podes fazer uma pálida ideia da vida que por lá levamos. De resto cá em Carcavelos a vida continua a mesma sensaboria de sempre. O Guilas livra-se hoje da tropa o que é um enorme alívio para o Pai coitado e para ele

também. E este é o único facto digno de nota que há a registar nesta carta.

A tia Ana não há meio de se despachar. A criança (era o Vasco) acha que cá fora estão tempos máus e portanto nada de saídas. A casa do tio Chico na Praia Grande ainda não está pronta imagina! Deve-o ficar esta semana segundo ele diz, mas nós bem sabemos da história “amanhã jejuar preto..”. Queridito, mando-te um abraço cheio cheio de ternuras e um beijo muito grande e fica sabendo que nunca poderei esquecer-te mesmo que estejas no meio do sertão! Com um enorme Xi da sobrinha amiga, Isabel.»



Guilherme e Isabel por volta da mesma data da carta

BAPTIZADO DUPLO (amarelo, verde e encarnado)



Os priminhos direitos Posser de Andrade, Frederico e Afonso foram baptizados na Igreja de Palma no dia 5 de Outubro.

Os pais são, respectivamente, a Maria Madalena Juzarte Rolo Posser de Andrade (amarelo, verde e encarnado) e José Pedro Oliveira, e António Maria Juzarte Rolo Posser de Andrade (amarelo, verde e encarnado) e Sofia Seabra Gomes. Seguiu-se um agradável lanche.

CASAMENTO NO BRASIL

Mariana d'Orey Chaves de Sousa e Gilmar

O Casamento aconteceu na casa da Nucha, no dia 24 de Outubro de 2008 com cerimonia civil e um jantar para a família e amigos mais chegados.

Foi muito bonito e a Mariana (amarelo e verde) estava muito feliz. Viajaram, no dia seguinte, para Portugal para a lua de mel. Lá, visitaram uma cidade na serra da Estrela chamada Junça, donde eram os avós do Gilmar. Foram muito bem recebidos pela família de Junça e visitaram os lugares onde era a casa dos avós, onde o pai nasceu, etc.



BAPTIZADO Tomás Assunção Banza d'Orey Slewinski (verde)



No dia 23 de Agosto, o filho da Ana e do Bruno recebeu o baptismo na Igreja de Porto Salvo. A cerimonia foi celebrada pelo Padre José Luís. Os padrinhos foram os primos Joana e Pedro Gama (na imagem). Depois houve um simpático lanche em casa dos Pais do Tomás.

RODRIGO RIBEIRO CARDOSO D'OREY 03/02/1919 - 18/11/2008

Se me amas, não chores.
Se conheces o mistério inexplicável
do céu onde me encontro...
Se pudesses ver e sentir o que eu
sinto e vejo nestes horizontes sem
fim
e nesta Luz que tudo alcança e
invade,
jamais chorarias por mim.
Estou agora absorvido pela luz de
Deus,
pelas suas manifestações de infinito
amor. Nesta minha nova casa
só encontrei paz.
Trouxe comigo todo o meu amor por ti
e uma ternura que jamais pude, em verdade revelar-te
Amei-te ternamente na vida, mas agora amo-te de forma eterna.
Pensa em mim assim: nas tuas lutas, pensa nesta maravilhosa
morada onde não existe
a morte e onde, juntos, um dia beberemos desta fonte ines-
gotável de alegria e de amor.
Vivo na serena expectativa da tua chega.
Aqui estarei de braços abertos para te receber Se verdadeiramente
me amas,
não chores mais por mim...



CARLOS, MORREU O LUÍS!

por Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo

Foi assim que soube, pela minha mãe, que o meu primo Luís Gonzaga d'Orey Correia Botelho, um ano exacto mais novo que eu, tinha falecido.



A João, o Carlos e Luís num intervalo de brincadeiras

O Luís era companheiro de brincadeiras. Passámos juntos algumas férias em Sassoeiros e em Viana do Castelo onde vivia. O meu pai ia muitas vezes a Viana e ficava sempre em casa da tia Marichen e do tio Janas, os pais do Luís. Basta vezes, como dizia o Luís, ia com ele e aproveitava para brincar com outros primos e conhecer outras gentes e terras. Passei alguns períodos em Viana, sempre muito agradáveis. O Luís era um tipo das arábias, inteligente e inventivo. Foi com o Luís e o tio Janas que vi o primeiro quadro do Picasso, no Caramulo! Depois foi a Guiné. Estivemos lá ao mesmo tempo. O Luís quando ia numa coluna foi atacado, perdendo-se alguns mantimentos, incluindo garrafas. O exército, rigoroso, contava os gargalos das garrafas, com os tiros alguns desapareceram e o Luís ao ver-se alvo de um auto, procedimento rotineiro, de que saiu completamente ilibado, ficou muito magoado, sobretudo, e ele sabia-o, porque nessa e noutras ocasiões honrou sempre a sua pátria e os seus, batendo-se de forma honrada e valente. Depois, por razões que Deus e ele sabem melhor que todos nós o Luís decaiu. Depois morreu. Paz à sua alma. À Manela, a todos os primos Botelhos e aos filhos e netos do Luís, um enorme beijo com uma prece para que recordem sempre o Luís, bonito, bom e galhardo.

O VASQUINHO GANHOU A REGATA!

por Ana Maria Garcez d'Orey Slewinski (Nico)

Não percebo nada de Vela! Só sei que o Vasquinho (o matulão de barbas), timoneiro do BLUE STAR ganhou gloriosamente uma Regata em Orci N na Grécia!



Parece que, desta vez, os gregos viram-se gregos! Foram os portugueses a ganhar! Até agora eram sempre os estrangeiros a verem-se gregos. É justo! Para eu poder dizer alguma coisa de jeito o Vasquinho indicou-me o site www.aegeanrally.gr, mas vi-me “grega” para perceber isto:

«Το Διεθνές Ιστιοπλοϊκό Ράλλυ Αιγαίου είναι ένας ιστιοπλοϊκός αγώνας με μακρά ιστορία που διοργανώνεται κάθε χρόνο από τον ΠΟΙΑΘ (Πανελλήνιος Όμιλος Ιστιοπλοΐας Ανοικτής Θαλάσσης). Είναι το παλαιότερο και λαμπρότερο ιστιοπλοϊκό γεγονός στην ανοιχτή θάλασσα στη χώρα μας. Από το 1964 συγκεντρώνει διαγωνιζόμενους από όλη την Ελλάδα αλλά και ολόκληρο τον κόσμο. Κάθε χρόνο τα περισσότερα ελληνικά σκάφη δίνουν το παρόν στη γραμμή εκκίνησης. Ανάμεσά τους υπάρχουν τα καλύτερα σκάφη και τα πιο εκπαιδευμένα πληρώματα που έρχονται αντιμέτωπα σε μια μάχη γοήτρου.»